

# *A Aliança Nacional Libertadora e a Revolta Comunista de 1935*

*Dulce Chaves Pandolfi*

**C** Partido Comunista Brasileiro, então Partido Comunista do Brasil (PCB) foi criado em 1922, como uma seção da Internacional Comunista, entidade sediada em Moscou encarregada de coordenar as atividades dos partidos comunistas em todo o mundo. O objetivo desses partidos era promover nos outros lugares o mesmo que havia ocorrido na Rússia em 1917. Em outras palavras, através de uma revolução, deveriam conquistar o poder e implantar o comunismo.



*Manifestação comunista em São Paulo. Arq. Nac.*

Foi também em 1922 que surgiu no Brasil o “tenentismo”, movimento liderado por jovens oficiais do Exército que propunham mudanças na sociedade brasileira. Além de um papel mais relevante para o Exército, defendiam bandeiras como a reforma agrária, a educação pública obrigatória e o voto secreto. Conhecidos como “tenentes”, esses jovens oficiais, ao longo da década de 1920, realizaram rebeliões armadas em vários pontos do país. Uma das mais expressivas foi a que se tornou conhecida como Coluna Prestes. Durante quase dois anos, centenas de “tenentes” marcharam pelo interior do Brasil, pregando a derrubada da República. Em 1927, após muitos enfrentamentos com as forças regulares do Exército, os “tenentes” refugiaram-se na Bolívia. A partir de então, o líder principal da Coluna, Luís Carlos Prestes ganhou expressão nacional, passando a ser conhecido como o “Cavaleiro da Esperança”. No exílio, Prestes, procurado por dirigentes do PCB, teve seus primeiros contatos com as idéias comunistas.

Em outubro de 1930, através das armas, a velha República foi derrubada e Getúlio Vargas assumiu a chefia do Governo Provisório. Enquanto uma parcela significativa dos “tenentes” participou da chamada Revolução de 1930, outros, entre eles Luís Carlos Prestes, colocaram-se à margem do processo. Posição semelhante foi adotada pelos comunistas. Para eles, o que ocorrera em 1930 não passava de uma simples disputa entre as elites políticas do país e não



*Agildo Barata (à dir.) é preso na Praia Vermelha, Rio de Janeiro. Arq. Nac.*

provocaria alterações substantivas na sociedade. Poucos meses depois da revolução, Prestes, ainda no exílio, através de um manifesto, anunciou sua adesão ao comunismo. Criticando os “tenentes” que participavam do governo Vargas, defendia a necessidade de se fazer uma revolução agrária e anti-imperialista no Brasil. No final de 1931, viajou para a União Soviética e ali permaneceu três anos. Durante esse período, as informações que recebia dos dirigentes do PCB eram animadoras: havia uma situação favorável para o desencadeamento de uma revolução no Brasil.

No final de 1934, em companhia de Olga Benário, sua mulher, uma judia militante do Partido Comunista Alemão, Prestes partiu de Moscou com destino à sua terra natal. Usando as identidades falsas de Antônio Villar e Maria Bergner Villar, chegaram clandestinamente no Brasil em inícios de 1935. Além dos dois, outros militantes ligados à Internacional Comunista também vieram clandestinamente para o Brasil: o argentino Rodolfo Ghioldi e sua mulher Carmem, o casal alemão Elisa Saborowski e Artur Ernest Ewert (conhecido como Harry Berger), os belgas Leon Vallée e sua mulher Alphonsine, os alemães Franz Paul Gruber e sua mulher Erika e o norte-americano Victor Allen Baron. A função de todos eles, de acordo com a prática usualmente adotada pela Internacional Comunista de enviar militantes para auxiliar os mais diversos partidos comunistas, era assessorar o PCB.

Quando Prestes e os assessores da Internacional Comunista chegaram ao Brasil, o clima era, de fato, de grande efervescência política. Em 1934, após quase quatro anos de regime discricionário, havia sido aprovada uma nova Constituição e Getúlio Vargas, até então o chefe do Governo Provisório, foi eleito indiretamente presidente da República. O restabelecimento do regime democrático produziu grande mobilização no país e a radicalização do processo político foi num crescendo.

Em março de 1935 foi criada a Aliança Nacional Libertadora (ANL), uma organização política de abrangência nacional que movia cerrada oposição ao governo Vargas. Inspirada no modelo das frentes populares que surgiam na Europa para impedir o avanço do nazi-fascismo, a ANL incluía em seu programa, pontos como a anulação de todos os débitos às nações estrangeiras, a nacionalização das empresas estrangeiras, a garantia das liberdades públicas, a distribuição das terras dos latifúndios entre os camponeses e a proteção ao pequenos e médios proprietários.

Com sedes espalhadas em diversas cidades do país, a ANL conseguiu a adesão de milhares de simpatizantes e rapidamente se transformou em um amplo movimento de massas. Importantes lideranças civis e militares que haviam participado da Revolução de 1930 e ocupado postos-chave no pós-30, ingres-

saram na organização. Muitos de seus dirigentes - como Miguel Costa, Hercolino Cascardo, Agildo Barata e Silo Meireles - eram oriundos do tenentismo.

As forças hegemônicas no interior da ANL eram, sem dúvida, os “tenentes” e os comunistas, muito embora a organização congregasse representantes de diferentes correntes políticas, como liberais, socialistas e católicos, e contasse com a adesão de sindicatos, associações profissionais, partidos e entidades culturais diversas. Significativamente, seu presidente de honra era Luís Carlos Prestes. Se no momento de fundação não houve uma participação efetiva dos comunistas, o PCB logo percebeu que a ANL poderia ser um importante instrumento para derrubar Vargas e implantar um governo nacional e popular.

De acordo com as análises dos comunistas, a revolução brasileira teria que ser feita em duas etapas. Como o Brasil era um país atrasado, ainda não efetivamente capitalista, o comunismo só poderia ser implantado após a destruição dos dois obstáculos que impediam o seu desenvolvimento: o latifúndio e o imperialismo. Numa primeira etapa do processo revolucionário, a revolução brasileira seria, portanto, agrária e anti-imperialista. Nesse sentido, o programa da ANL se coadunava com os objetivos imediatos do PCB. Além do mais, a formação de uma ampla frente de massas contra Vargas não se confrontava com a idéia de revolução. Uma, inclusive, poderia alimentar a outra.

O rápido crescimento da ANL produziu forte reação no governo. Em abril de 1935, um mês após a sua criação, foi aprovada uma Lei de Segurança Nacional e, em julho, a ANL foi colocada na ilegalidade. Apesar de algumas tentativas de criar organizações legais para dar continuidade à ANL, nenhuma delas vingou. A decretação da ilegalidade provocou redefinições no interior da organização. Enquanto muitos aliancistas se desmobilizaram, outros intensificaram os preparativos para a deflagração de um movimento armado para derrubar Vargas e instalar um governo nacional e popular. Assim, com o fechamento da ANL, a perspectiva de tomada do poder, através de uma insurreição, sempre presente tanto no horizonte dos “tenentes” quanto no dos comunistas, parecia ter se tornado mais viável.

No segundo semestre de 1935, a preocupação de Prestes, expressa na intensa correspondência que manteve com os seus ex-companheiros de tenentismo, era com os preparativos para o desencadeamento da revolução. Além dos “tenentes”, Prestes buscava sensibilizar outros setores das Forças Armadas, também descontentes com o governo Vargas. Desde as revoltas tenentistas da década de 1920 que nas Forças Armadas, sobretudo no Exército, eram freqüentes as manifestações de insubordinação da baixa oficialidade em relação a seus superiores hierárquicos. A instituição estava fragmentada, marcada por inúmeras clivagens in-



Novembro de 1935.  
Os comunistas presos são enviados para a Ilha das Flores. Cor.da Manhã

ternas. Anos mais tarde, Prestes, acertadamente, diria que naqueles tempos “era mais fácil construir o Partido Comunista nos quartéis do que nas fábricas”. De fato, além de Prestes, vários militantes que iriam ter grande projeção na estrutura do PCB - como Agildo Barata, Gregório Bezerra, Giocondo Dias e Apolônio de Carvalho - eram de origem militar.

Enquanto a posição de acelerar os preparativos para desencadear a luta armada ganhava força na direção do PCB, alguns militantes discordavam radicalmente dessa orientação. Consideravam prematura qualquer tentativa de tomada brusca do poder e buscavam relativizar a força da ANL, tão alardeada pelos dirigentes do partido.

Nos dias 21 a 23 de novembro de 1935, na cidade do Rio de Janeiro, a direção do PCB fez uma reunião. Confirmou-se naquela ocasião que havia no país uma situação revolucionária. Tratava-se apenas de esperar o momento oportuno para desencadear a revolução, que deveria ter um caráter nacional e ser de massas. Era responsabilidade da direção partidária decidir o momento mais oportuno para o embate; antes disso, nenhum movimento deveria ser iniciado.

Entretanto, ainda no dia 23, eclodiu uma revolta em Natal, capital do Rio Grande do Norte. Poucos dias antes, soldados tinham sido presos e expulsos do Exército. Indignados com a expulsão, militares da baixa oficialidade do 21º Batalhão de Caçadores decidiram rebelar-se, mas antes de iniciar a revolta, foram buscar o apoio dos comunistas. Como a decisão já havia sido tomada e

### ***Pronunciamento de Getúlio Vargas sobre o levante comunista***

Os fatos não permitem mais duvidar do perigo que nos ameaça. Felizmente, a Nação sentiu esse perigo e reagiu com todas as suas reservas de energias sãs e construtoras. (...)

A punição dos culpados e responsáveis pelos acontecimentos de novembro impõe-se como ato de estrita justiça e reparação, como exercício legítimo do direito de defesa da sociedade, em face da atividade criminosa e organicamente anti-social dos seus inimigos declarados e reconhecidos. Impõe-se, ainda mais, pelo dever, que o Estado tem, de salvar a nacionalidade atacada e ameaçada pela decomposição bolchevista.

O comunismo, encarado como força desintegradora e agente provocador de sérias perturbações, constitui, no Brasil, pela sua profunda e extensa infiltração, já comprovada mas desconhecida ainda do público, perigo muito maior do que se possa supor.

O levante comunista de 27 de novembro de 1935, discurso de Getúlio Vargas pronunciado nas primeiras horas de 1936. *A Nova Política do Brasil*, v. IV. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938-1945. p. 142-143.

diante da sua inevitabilidade, os comunistas do Rio Grande do Norte, mesmo sem consultar a direção do partido que se encontrava reunida no Rio de Janeiro, aderiram à proposta. Iniciada no 21º Batalhão de Caçadores, a rebelião espalhou-se pela capital e atingiu algumas cidades do interior. Após ocupar pontos estratégicos de Natal, militares, auxiliados por civis, tomaram o quartel-general da Polícia Militar e prenderam o chefe de polícia. Para conduzir o processo revolucionário, instalou-se em Natal um Comitê Popular Revolucionário, cuja direção coube aos comunistas. Mas no dia 27, tropas do Exército e as polícias dos estados vizinhos retomaram o poder das mãos dos rebeldes.

No dia 24, ao tomar conhecimento da situação em Natal, os dirigentes do PCB em Pernambuco desencadearam a rebelião, que começou no 29º Batalhão de Caçadores, em Socorro, nos arredores de Recife, onde havia um núcleo significativo de militares comunistas. O quartel foi rapidamente controlado pelos rebeldes que, dali, partiram para ocupar outros pontos da capital pernambucana. No trajeto, ocorreram diversos enfrentamentos com as forças legalistas e, na tarde do dia seguinte, os insurretos já estavam completamente dominados. Diferentemente de Natal, no Recife, a participação da população civil foi quase inexistente.

No Rio de Janeiro, as informações que chegavam sobre as rebeliões ocorridas no Rio Grande do Norte e em Pernambuco eram vagas. Mas, ao tomar conhecimento dos levantes, Prestes conseguiu convencer a direção do PCB sobre a importância de apoiar os rebelados do Nordeste, deflagrando imediatamente uma revolução no Sul do país. No dia 27, no Rio de Janeiro, a ordem de sublevação foi dada às unidades da Vila Militar, do Realengo, à Escola de Aviação do Campo dos Afonsos e ao 3º Regimento de Infantaria da Praia Vermelha. Esperava-se que após a vitória nas unidades militares, a população civil apoiasse o movimento. Entretanto, a reação das forças legalistas foi rápida e os embates do Rio de Janeiro ficaram restritos aos quartéis. No mesmo dia em que a direção do PCB decidiu deflagrar a rebelião no Rio de Janeiro, emissários foram enviados com ordens para iniciar levantes em outros estados da federação. Detidos pelo governo, eles não conseguiram chegar aos seus destinos.

Circunscritas às cidades de Natal, Recife e Rio de Janeiro, as rebeliões foram violentamente debeladas e provocaram uma onda repressiva sem precedentes. Imediatamente, centenas de aliancistas e comunistas foram presos em todo o país. Muitos, entre eles, Luís Carlos Prestes, amargaram quase dez anos de prisão. Diversos aliancistas que viriam a ser importantes dirigentes do PCB, tiveram, na prisão, seus primeiros contatos com as idéias comunistas.



*O Tribunal de  
Segurança  
Nacional condena  
Luís Carlos Prestes  
a 16 anos de prisão.  
O Globo*

### *As prisões do Estado Novo*

As autoridades federais iludem a opinião pública nacional, anunciando, oficiosamente, pela imprensa, que Harry Berger se acha bem instalado (...). O que mais assombra é o nenhum valor da palavra oficial (...). Venha comigo sem aviso prévio, à Polícia Especial, e eu o habilito a informar o sr. Presidente da República que nas prisões do Estado Novo existem detidos que estão no dever de pensar que, para a administração brasileira, eles perderam a condição de criaturas humanas.

Carta de Sobral Pinto ao Ministro da Justiça Agamenon Magalhães. Apud Elisabeth Cancelli. *O mundo da violência: a polícia da era Vargas*. Brasília: UNB, 1993. p. 201.

O desfecho da escalada repressiva iniciada em novembro de 1935 foi a instalação, em novembro de 1937, do Estado Novo, um regime ditatorial chefiado por Vargas e que vigorou até 1945. Do ponto de vista simbólico, o levante de novembro de 1935, também, teve um papel fundamental. Em diversas fases da nossa história, a “ameaça comunista”, através do “lembraivos de 1935”, foi utilizada como um forte recurso de poder.

## *Manifesto de Luís Carlos Prestes*

Brasileiros!

Aproximam-se dias decisivos.

Os trabalhadores de todo o Brasil demonstram, através de lutas sucessivas, que já não podem mais suportar e nem querem mais se submeter ao governo em decomposição de Vargas e seus asseclas nos estados. Além disso, os cinco últimos anos deram uma grande experiência a todos que no Brasil tiveram de suportar e sofrer a malabarista e nojenta dominação getuliana. E esses cinco anos de manobras e traições, de contradanças de homens do poder, de situacionistas que passam a oposicionistas e vice-versa, de inimigos “irreconciliáveis” que se abraçam, cinicamente, sobre os cadáveres ainda quentes dos lutadores de 1922, abriram os olhos de muita gente. Onde estão as promessas de 1930? Que diferença entre o que se dizia e se prometia em 1930 e a tremenda realidade já vivida nestes cinco anos getulianos! (...)

Um apelo – População trabalhadora de todo o país! Em guarda, na defesa de seus interesses! Venha ocupar o seu posto com os libertadores do Brasil! (...)

Brasileiros! Todos vós que estais unidos pela idéia, pelo sofrimento e pela humilhação de todo Brasil! Organizai o vosso ódio contra os dominadores transformando-o na força irresistível e invencível da Revolução brasileira! Vós que nada tendes a perder, e a riqueza imensa de todo o Brasil a ganhar! Arrancai o Brasil da guerra do imperialismo e dos seus lacaios! Todos à luta para a libertação nacional do Brasil! Abaixo o fascismo! Abaixo o governo odioso de Vargas! Por um governo popular nacional revolucionário. Todo o poder à Aliança Nacional Libertadora!

Manifesto de Luís Carlos Prestes, transcrito em *A Platéia*, 6 de julho de 1935. Apud Edgar Carone. *A Segunda República*. São Paulo: Difel, 1973. p. 431-440.

## **Bibliografia**

CAMARGO, Aspásia et al. *O golpe silencioso*. As origens da República Sindicalista. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1989.

COUTO, André Luiz Faria. *ANL: uma frente de esquerda nos anos 30*. Dissertação de Mestrado em História da Universidade Federal Fluminense, 1995.

DICIONÁRIO Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. Coord. Alzira Abreu, Israel Beloch, Fernando Lattman-Weltman e Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão. 2 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001, 5 v. il.

PANDOLFI, Dulce. Os anos 1930: as incertezas do regime. In FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida (orgs). *O Brasil republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, vol. 2.

PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros: história e memória do PCB*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995.

PANDOLFI, Dulce e GRZYNSZPAN, Mário. Da Revolução de 30 ao Golpe de 37: a depuração das elites. *Revista de Sociologia e Política*. UFPR, 1997, n. 9, p. 7- 23.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VIANNA, Marly. *Revolucionários de 35*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992